

## MORTE E VIDA DE MANÉ TOMATE

*Ead and life of Mané Tomate*

Edson Gomes Evangelista Dalla-Nora<sup>1</sup>  

Recebido: 31/03/2022

Aprovado: 06/06/2022

Mataram o Mané Tomate, no instante mesmo em que o dia se despedia em um fio tênue de luz vermelho-laranja, o caso incandescente, augúrio malévolos que confunde a luz vinda de cima com o calor emanado de baixo, temperatura de um dia quente de agosto. Assassinarão-no, um estampido tépido na tẽmpora. Estendido sobre o pasto de braquiária, fronteira do vilarejo com chácaras e sítios. O corpo tombado seguia montado na bicicleta, cavalgadura de aço, entremeada por pernas inertes, incapazes de mover os pedais. Sequer o chapéu de palha caíra, parecia proteger a cabeça, cujos olhos seguiram olhando o vazio, muito além da estrada empoeirada que cingia os campos e os tingia com a cor rubra, cor de terra, cor de sangue.

Aqueles olhos mirando assim, insistiram em seguir viagem por aquela estrada poeirenta, para depois fazer uma conversão à esquerda, atravessar a porteira de madeira antiga, inumerável; descer o morro calhado de pedras de diferentes formatos, margeado por diferentes tons verde e cinza, tensionado pela grotta, portentosa em outros tempos, seca agora. Mais além uma curva, onde a estrada se estreitava entre o morro e o despenhadeiro, o cajueiro do campo, generoso provedor de frutos e sonhos aos transeuntes. A estrada segue, uma vez mais à esquerda; outros tons, terra quase branca, sucedida por pedras, uma porteira mais, depois e além um campo bonito; acolá o morro da cachoeirinha. Mas, aqueles olhos, moventes mortos, não vicejam chegar tão longe. Tão só teriam chegado a estes campos, à plantação de tomate, o bananal, à lavoura de mamão, à casinha branca e, aos olhos de Glória, olhos que aquele olhar de morto, não voltaria a ver jamais.

---

<sup>1</sup> Doutor em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Professor de Língua Portuguesa, Língua Espanhola e respectivas Literaturas, IFMT, Bela Vista. Professor Colaborador no PPGen, IFMT. E-mail: evangelista13corintios@gmail.com

Glória, a companheira inafastável, alegrara aquele olhar agora feito um mirar de estátuas. Oh! Como esquecer as fagulhas de alegria, submergidas por lágrimas, fogo e água, ante a notícia da primeira gestação. Esta mesma mescla paradoxal, notara-se naquele olhar antes vívido, desconfiado e firme, agora vítreo, a cada uma das quinze vezes em que ela anunciara gravidezes de um a um destes rebentos que, entrementes parecem assustados uns; perplexos outros, sem entender o que sucederá. “Por que pai, no geral tão viril, movido, está deitado em meio a sala de chão batido, inamovível; sequer salva com um cumprimento às tantas visitas, ao menos um aceno de cabeça, um toque na aba do chapéu?” Curioso a um canto perquiria Miguel, bochechas rosadas, abdômen saliente e um olhar curioso, quase divertido, voejando por sobre toda aquela gente que chegara de todos os cantos assim, num repente.

Ao velório celebrado durante à noite acorreram todos os vizinhos, exceto os parentes de Wilto, vizinhos próximos, extremantes. Alguns ficam perplexos ante uma morte tão inesperada, ainda mais, por haver sido provocada por vizinho, no geral companheiros, camaradas de batalhas que travavam contra o Ota, proprietário da Big Vale, grileiro que apossava a estes posseiros, ameaçando destituir-lhes do bem que provia os sonhos e o pão, o lote 31.

Bé, a que fora responsável pela primeira chispa e primeiras lágrimas em décadas, logo disfarçadas por Mané, tomou-lhe o rosto entre as mãos, olhou naquele olhar meduseante e proferiu um rugido de animal letalmente atingido, foi amparada pela amiga ao esmaecer abruptamente. Despertou atônita minutos depois, ante todos os presentes bradou: “Mãe! Pai me olha, por que não vê!” Foi assim que, num instante, todos subitamente e a um só tempo, notaram que os olhos do morto permaneciam abertos e uma onda gélida os alcançou, alguns fugiram para o terreiro, outras, comoveram-se a tantas lágrimas.

Maria, parteira, acostumada que estava a trazer a este mundo vidas muitas, munuiu-se de coragem, tomou frente, a fim de proceder, um tanto extemporaneamente, o ritual de passagem ao além-mundo, secundada por Darcilia, Albertina, um pequeno séquito de mulheres ternas e destemidas, para tudo e o nada. Entoaram concomitantemente, o Credo, à medida que se aproximavam do esquite rudimentar, feito a mão e às pressas, por Serafim, lavrador, carapinta, carpinteiro, nos momentos

prementes. Assim rezando, as mulheres deram-se as mãos e Maria com um gesto delicado, com quem pede licença, fechou, com muita dificuldade, aqueles olhos viageiros que transpuseram quase meia légua, levando o morto para se despedir dos teus.